UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE AÇÃO CULTURAL
PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS
BOLSA DE FOMENTO À CRIAÇÃO

Isabela Azevedo Fagundes

ENSAIO ACADÊMICO

ENTENDENDO A IMPORTÂNCIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS: O CORONAVÍRUS, A ANTROPOLOGIA E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Belo Horizonte
Novembro/2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), a Diretoria de Ação Cultural (DAC) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela oportunidade que me foi dada através deste ensaio acadêmico.

Em seguida, agradecer a minha mãe, Vivian, e ao meu namorado, Antonio, duas companhias que, se ausentes, não seria possível este trabalho ser feito, seja pelas opiniões emitidas e outras ajudas que prestaram a mim nesse difícil período pandêmico e no restante da minha vida.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Gripezinha ou resfriadinho?

2.1.1 Na Terra (geóide, redonda, plana e convexa)

2.1.2 Vir.Us

2.1.3 O tão falado “novo normal”

2.2 Homo Sapiens ou Homo Ignorantus?

2.2.1 Antropologia para quem?

2.2.2 Afinal, o que faz do Brazil, Brasil?

2.3 Quem vive de passado é museu?

2.4 Três “raças”: o vírus, a antropologia e o patrimônio

2.4.1 O mito

2.4.2 O canto

2.4.3 Je suis un virus?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 INTRODUÇÃO

Nunca imaginei vivenciar uma pandemia durante a minha vida. Também nunca imaginei como a vida era vivida em uma. Desconheço as particularidades de todas as pessoas que estão atravessando essa epidemia, mas procuro saber dos problemas que afligem boa parte da população. Considero-me uma pessoa empática e, por isso, a motivação destetrabalho é fruto de um descontentamento pessoal.

Quem pensa que essa crise é como uma moeda com apenas dois lados, a saúde e a economia, está errado. Errado, pois a lente que está sendo utilizada para ver os lados está embaçada, e o laço que os envolve não consegue ser visto. Ambos contam com um componente muito importante, mas que é por vezes negligenciado: as pessoas. As pessoas são o ponto de intersecção dessas duas variáveis, são como a borda da moeda, ou melhor, são como a liga metálica que faz possível a existência da moeda. Mas, a maneira como elas são pensadas hoje no Brasil, sobretudo com aval do atual governo, não percebe (ou melhor, não quer perceber) isso.

O caminho que eu decidi trilhar neste trabalho, portanto, envolve três vertentes: o coronavírus, a antropologia e a educação patrimonial, ou dito de outra maneira, as pessoas, as pessoas e as pessoas. Dessa maneira, ao tentar demonstrar a maneira como essas duas áreas relacionam-se com o que estamos vivendo, almejo que seja suficiente para mostrar e provar a importância das Ciências Humanas.

As Ciências Humanas propõem o estudo do homem e sua complexidade inerente, como suas relações em sociedade, sua criatividade e sua história. Como pode, então, ser tão desvalorizada?

> Todas as universidades que a gente tem, não brota da terra o dinheiro, vem do imposto. Quando a gente for comprar pão, gasolina para a moto, telefone celular, vem imposto. E esse imposto é usado para pagar salário de professor, de técnico, bolsa, alimentação, tudo isso. Eu, como brasileiro, eu quero ter mais médico, mais enfermeiro, mais engenheiro, mais dentistas. Eu não quero mais sociólogo, antropólogo, não quero mais filósofo com o meu dinheiro. (WEINTRAUB, 2020)[1]

A educação patrimonial, a qual nos ensina e recorda de nossas histórias e memórias, e a antropologia, que preocupa-se com a diversidade humana e cultural, e consequentemente, com a quebra de variados preconceitos são extremamente importantes, não apenas em

[1] Fala proferida pelo ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, no dia 14/06/2020. UOL Notícias, Não quero sociólogo, antropólogo e filósofo com meu dinheiro, 2020.

contextos extremos como o de hoje, mas cotidianamente, pois elas colocam em evidência o maior bem que existe neste mundo: a vida.

As crises que nosso país enfrenta destacam uma palavra, um conceito, um modo de pensar: a coletividade. É, mais do que nunca, crucial que não somente o Brasil e suapopulação pensem de maneira coletiva, mas que o planeta se junte para encontrar soluções para esse novo problema que assola a todos os seres humanos. Essa adversidade pode então, contribuir para o entendimento e aceitação de nossas diversidades.

Esse ensaio, à vista disso, opera na proposição de reflexões entre nossa coletividade - através dos olhares do campo patrimonial, responsável pelo sentimento de pertencimento dentro da sociedade -, da antropologia - que é crucial para o desmascaramento do racismo e do etnocentrismo[2] - e a crise pandêmica vivenciada atualmente. O escancaramento de diversas atitudes repudiáveis, e a necessidade dessas ponderações, culminou na ideia desse projeto.

Figura 1: O Homo Ignorantus.

Fonte: O Tempo. Disponível em: <https://bit.ly/3fBGKU9>. Acesso em: 15 de julho de 2020.

[2] O etnocentrismo é a crença da existência que uma cultura é superior a todas as outras. De acordo com o Oxford Languages and Google, é a "visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais".

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Gripezinha ou resfriadinho?[3]

2.1.1 Na Terra (geóide, redonda, plana e convexa)

No último dia do ano passado, 2019, a China avisou sobre uma nova doença. Coronavírus, covid-19, Sars-CoV-2, corona, coronga - se minha avó estivesse viva, acredito que ela chamaria de “aquele coisa ruim” -. Entre janeiro e fevereiro deste ano, essa doença recebeu muita atenção por representar um perigo mundial, até que, em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou e classificou o novo coronavírus como uma pandemia.

Histeria e negacionismo foram os efeitos colaterais mais imediatos. Será que o mundo vai acabar? Vamos todos morrer? E falir? O que vai acontecer, afinal? O mundo parou, bom, somente para alguns, mas não acabou como se imaginava, ainda continuamos aqui. Não morremos todos, mas muitos se foram. A falência ficou evidente na desigualdade social.

Até o momento não há vacina para o covid-19, apesar de termos pesquisas avançadas em andamento e algumas opções para repousarmos nossa esperança, como a do Instituto Butantã em parceria com a China, a de Oxford e a Sputnik V. Quanto à reincidência da doença aindanão se sabe comprovadamente se é possível. Ou seja, ainda estamos no escuro.

Não sei dizer se estamos melhores que no começo do ano. Pendo mais para afirmar que não. A melhora parece que foi só no sentido da nossa insensibilidade que cresceu. Muita gente morreu e continua morrendo, mas nos portamos de maneira conformada. É como se tivéssemos feito o possível e o impossível para que todos sobrevivessem e que não deu certo. O problema é que não foi bem isso que aconteceu. Claro que muitos seguiram as orientações de saúde, de isolamento social - minha família e eu, por exemplo -, mas muitos foram indecentes nesse processo, negando e colocando a vida de outros em risco.

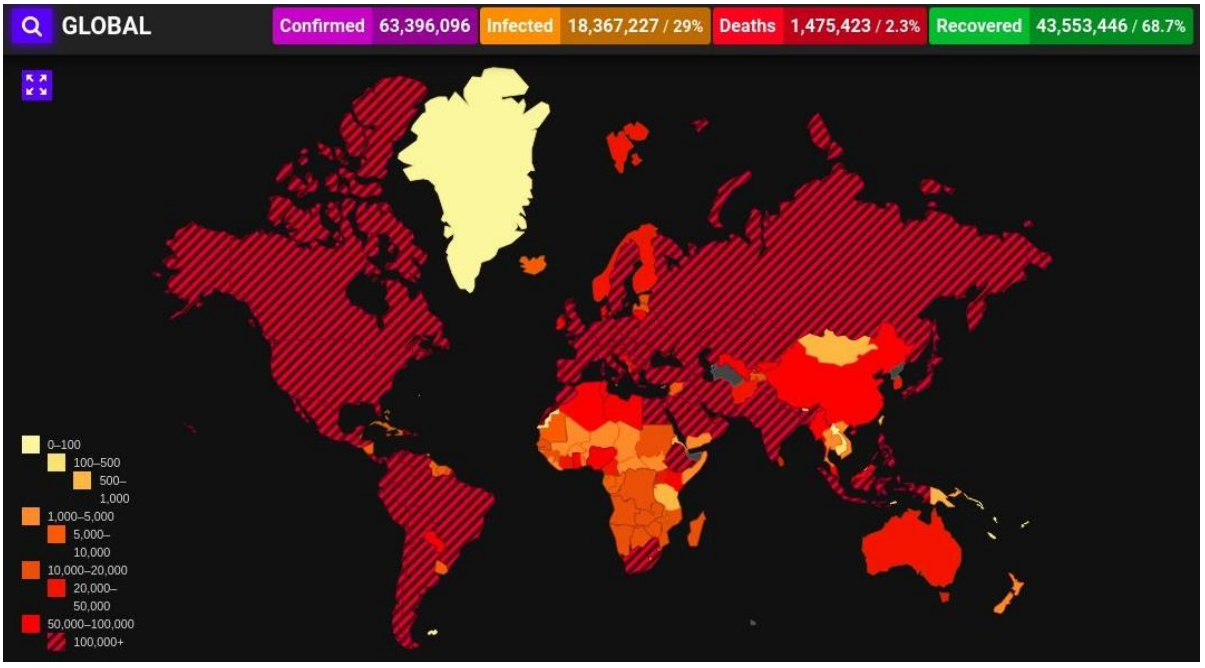
De maneira geral, os países adotaram as orientações da OMS: uso de máscara, protetor facial (ou *faceshield*, literalmente, escudo de rosto), uso de álcool em gel e isolamento social. Algumas estupidezes aconteceram no meio do caminho, como o incentivo

---

[3] Gripezinha e resfriadinho. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

à ingestão de desinfetante doméstico[4] e o uso de medicamentos sem a eficácia comprovada para a doença[5]. Alguns governos até tentaram continuar como se nada estivesse acontecendo, como o de Milão[6], na Itália. E o nosso, inspirou-se nesse[7]. Mas não deu, a água chegou no pescoço.

Figura 2: Mapa de dados globais atualizados do coronavírus.



Legenda: Na barra roxa, número de infectados confirmados: 63.396.096; na laranja, número de infectados no momento: 18.367.227; na vermelha, número de mortes: 1.475.423; na verde, número de recuperados: 43.553.446.

Fonte: COVID19info.live. Disponível em: <https://covid19info.live/>. Acesso em: 30 de novembro de 2020.

---

[4]Trump incentiva a ingestão de desinfetante e o uso de luz ultravioleta. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/24/trump-fala-em-injecao-de-desinfetante-contra-coronavirus-e-medico-rebate-irresponsavel-e-perigoso.ghtml>. Acesso em: 8 de novembro de 2020.
Resultados diretos do incentivo à ingestão de desinfetante. Disponível em: <https://exame.com/mundo/ny-registra-aumento-de-intoxicacao-por-desinfetante-apos-sugestao-de-trump/>. Acesso em: 8 de novembro de 2020.

[5]Bolsonaro incentiva o uso de medicamentos sem eficácia comprovada cientificamente para o covid-19. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/07/16/alem-de-cloroquina-bolsonaro-defende-remedio-annita-contra-covid-19.htm>. Acesso em: 8 de novembro de 2020.

[6]Notícia sobre a campanha "Milão não para". Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/27/prefeito-de-milao-admite-erro-por-ter-apoiado-campanha-para-cidade-nao-parar-no-inicio-da-pandemia-de-coronavirus-na-italia.ghtml>. Acesso em: 8 de novembro de 2020.

[7]Notícia sobre a campanha "Brasil não pode parar". Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/27/governo-lanca-campanha-brasil-nao-pode-parar-contra-medidas-de-isolamento>. Acesso em: 8 de novembro de 2020.

Figura 3: Tabela de dados atualizados do coronavírus; os 10 países com mais casos confirmados até o momento.

Region	Confirmed	▲24h	Deaths	▲24h	%	Recovered	▲24h	%	Infected	%
US	13,485,514	+159,438	266,867	+1,130	2%	7,903,828	+63,146	58.6%	5,314,819 ▲95,162	39.4%
India	9,463,254	+31,179	137,659	+482	1.5%	8,889,585	+41,985	93.9%	436,010 ▼11,288	4.6%
Brazil	6,336,278	+21,538	173,165	+317	2.7%	5,601,804	+20,368	88.4%	561,309 ▲853	8.9%
Russia	2,322,056	+26,402	40,464	+569	1.7%	1,803,467	+24,763	77.7%	478,125 ▲1,070	20.6%
France	2,222,488	+4,005	52,731	+406	2.4%	162,281	+854	7.3%	2,007,476 ▲2,745	90.3%
Spain	1,664,945	+18,753	45,069	+401	2.7%	196,958	+0	11.8%	1,422,918 ▲18,352	85.5%
UK	1,629,657	+12,330	58,448	+203	3.6%	10,783	+0	0.7%	1,560,426 ▲12,127	95.8%
Italy	1,601,554	+16,376	55,576	+672	3.5%	757,507	+23,004	47.3%	788,471 ▼7,300	49.2%
Argentina	1,424,533	+5,726	38,730	+257	2.7%	1,257,227	+7,384	88.3%	128,576 ▼1,915	9%
Colombia	1,316,806	+8,430	36,766	+182	2.8%	1,210,489	+6,037	91.9%	69,551 ▲2,211	5.3%

Legenda: Nas colunas roxas, número de infectados confirmados geral e nas últimas 24 horas; nas vermelhas, número de mortes geral, nas últimas 24 horas e a porcentagem em relação ao número de confirmados geral; nas verdes, número de recuperados geral, nas últimas 24 horas e a porcentagem em relação ao número de confirmados geral; nas laranjas, número de infectados no momento e a porcentagem em relação ao número de confirmados geral.

Fonte: COVID19info.live. Disponível em: <https://covid19info.live/>. Acesso em: 30 de novembro de 2020.

2.1.2 Vir.Us[8]

O coronavírus chegou, para a maioria dos brasileiros, na primeira metade do mês de março deste ano. Lembro quando ainda estava pegando metrô todos os dias para ir ao Senai, no fim de fevereiro, e as notícias sobre o novo vírus me assustavam e eu ficava pensando "será que isso vai chegar aqui no Brasil mesmo?". E chegou. No dia 14 de março, o Senai suspendeu as aulas até o dia 31 do mesmo mês. O último dia que eu pisei na UFMG foi no dia 17 de março, quando entreguei meus documentos para o processo seletivo da monitoria de graduação que hoje trabalho, a partir daí, a universidade estava fechada. Lembro também da ansiedade que meus colegas e eu estávamos ao retornar às aulas do Senai, até que no dia25 de março recebemos um e-mail avisando do fechamento por tempo indeterminado da escola.

Eu não senti o impacto do coronavírus de perto. Mas conheço quem sentiu e acompanhei as notícias, principalmente sobre o Brasil, o máximo que consegui. A partir de certo momento não dava mais, era demais para minha saúde mental. Agora eu entendo porque pandemias mataram tanto antes. E continuam matando. Se hoje, que acumulamos tanto conhecimento comparado às outras épocas, há quem se recuse a utilizar uma máscara ou a

[8] Alusão a uma marca de roupas que foi criada durante o período pandêmico, de isolamento social, chamada Vir.Us.. O nome foi duramente criticado e rechaçado na internet, além dos produtos, que até o momento se restringiam a roupas com valores altos e consideradas simples. O resultado foi a alteração do nome para Amar.Ca.

simplesmente não ir numa balada lotada, imagine antes. Estamos à beira da revolta da vacina 2.0.

Figura 4: Post do atual presidente, Jair Messias Bolsonaro, na rede social Facebook, onde faz uma "brincadeira" dizendo que a vacina obrigatória só se aplica ao seu cachorro, Faísca.

Fonte: Página do Facebook de Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/jairmessias.bolsonaro/posts/>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

A sensação de impotência é geral. E eu, como brasileira, me sinto duplamente impotente devido ao atual governo federal. Essa sensação é expressa de maneira precisa pela frase que quase já virou um ditado, "o brasileiro não tem um dia de paz"[9].

O Brasil está em terceiro lugar até o momento dos países mais afetados pelo coronavírus (vide figura 3). Foram mais de 173 mil mortes. Durante a pandemia, foram exonerados 2 ministros da saúde, o atual e último a assumir, Eduardo Pazuello, é um militar sem formação na área da saúde ou afins. Lembro quando estávamos na marca dos 5 mil e parecia o apocalipse na Terra, hoje já parece o contrário.

Aqui passamos por uma política de desinformação rígida. Teve momentos que senti que tudo de errado estava sendo estimulado: medicamentos sem eficácia científica,

[9] Essa frase é caracterizada como um meme, um conteúdo de humor espalhado pela internet.

aglomerações, o não uso de máscara, descaso com quem estava sofrendo[10] e até ataque a quem recebeu o auxílio emergencial do governo[11].

2.1.3 O tão falado "novo normal"

Toda a nossa vida, de uma maneira geral, foi transformada pelo coronavírus. Hábitos foram trocados, adicionados e excluídos. Os pensamentos tem uma nova direção. Algumas palavras saem mais da nossa boca, outras foram incorporadas ao dia a dia atípico e até novas surgiram. Parece que tudo agora gira em torno de máscara e álcool em gel.

Ir ao mercado é um mini martírio. "Será se vou me contaminar? Olha aquele covidiota que estava sem máscara até agora e acabou de colocar pra entrar." Passa álcool em gel no carrinho, nas mãos. Não encosta na máscara. Preciso encostar porque a maścara está caindo. "Olha aquela mulher com o nariz de fora." Chega em casa, abre a porta, pega a água sanitária para passar em cada coisa comprada, embalagem por embalagem, depois pega o álcool pra passar nos sapatos antes de entrar em casa. Assim que coloca o corpo pra dentro, tem que ficar nu e deixar as roupas isoladas por pelo menos 3 dias, ou então direto pra máquina de lavar. E direto pro banho. Limpa, pega os legumes, verduras e frutas e põe de molho na água sanitária. Depois, é torcer para não ter se contaminado, e se preparar para a próxima ida.

Isso, ainda, para quem tem o luxo de se preocupar em só ir ao mercado. E quem trabalha todo o dia fora? E ainda precisa pegar ônibus e metrô lotado?

Às vezes, eu olho para fora pela janela e lembro de quando era normal sair de casa, andar pelas ruas, passear por aí. Isso hoje parece inconcebível. Tem quem fale do "novo normal": máscara na cara, álcool em gel na bolsa, sair só para o imprescindível, trabalhar de casa pelo computador ou celular vestindo roupa social do tronco pra cima e pra baixo só de moletom e chinelo.

As crianças de hoje estão sendo criadas nesse tempo caótico e incerto. Para elas, esse é o normal. Para quem já cresceu, vivemos o anormal. É provável que, quando crescerem,

---

[10]Empresários criticando o isolamento social. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/24/empresarios-coronavirus-o-que-dizem-criticas.htm>. Acesso em: 9 de novembro de 2020.

[11]Paulo Guedes, ministro da Economia. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/redes-sociais/sakamoto-diz-que-paulo-guedes-atualiza-conceito-de-vagabundo-do-bolsa-familia/>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

Monique Aguiar, nomeada pela Iphan. Disponível em: <https://www.polemicaparaiba.com.br/brasil/vagabundos-blogueira-nomeada-pela-iphan-diz-que-beneficiarios-do-auxilio-emergencial-nao-gostam-de-trabalhar/>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

muitas delas terão hábitos que foram adquiridos neste período. No futuro, então, será comum utilizar máscara quando estivermos doentes? E álcool em gel, será natural usar? Os hábitos de higiene pessoal e coletiva serão outros?

2.2 Homo Sapiens ou Homo Ignorantus?

2.2.1 Antropologia para quem?

O surgimento da antropologia advém de preceitos racistas. Irônico, não é mesmo? A ciência, que hoje promove a aceitação e respeito entre as desigualdades humanas, foi construída em prol de ideias de superioridade racial e cultural.

Uma das teses mais difundidas, geralmente associada à publicação do estudo divisor de águas de Charles Darwin, *A Origem das Espécies,* mas que foi concebida previamente, foi a do evolucionismo social/cultural. Isso significa que os pesquisadores da época - homens, héteros, brancos e, em sua maioria esmagadora, europeus - acreditavam que as diferentes culturas se encontravam em diferentes etapas de uma linha da evolução, como consequência, uma cultura era considerada o patamar mais alto dessa evolução. Essa cultura era a europeia.

Em termos práticos, essa ideologia levava a uma certa ignorância intolerante e, nos melhores casos, em um apreço misturado de pena pelo o que era visto como exotismo e pensava-se que seria extinto devido ao progresso da cultura.

Figura 5: Quadro de recapitulação do texto de Lewis Morgan para a diferenciação dos diferentes períodos da humanidade: selvageria, barbárie e civilização.

Períodos	Condições	
I. Período inicial de selvageria	Status inferior de selvageria	Da infância da raça humana até o começo do próximo período.
II. Período intermediário de selvageria	Status intermediário de selvageria	Da aquisição de uma dieta de subsistência à base de peixes e de um conhecimento do uso do fogo até etc.
III. Período final de selvageria	Status superior de selvageria	Da invenção do arco-e-flecha até etc.
IV. Período inicial de barbárie	Status inferior de barbárie	Da invenção da arte da cerâmica até etc.
V. Período intermediário de barbárie	Status intermediário de barbárie	Da domesticação de animais no hemisfério oriental e, no ocidental, do cultivo irrigado de milho e plantas, com o uso de tijolos de adobe e pedras, até etc.
VI. Período final de barbárie	Status superior de barbárie	Da invenção do processo de fundir minério de ferro, com o uso de ferramentas de ferro, até etc.
VII. Status de civilização	Status de civilização	Da invenção do alfabeto fonético, com o uso da escrita, até o tempo presente.

Fonte: MORGAN, 2005, p. 28.

Apesar da antropologia ser uma ciência recente, com início entre o século XVIII e XIX, sua prática já era realizada antes disso. Obviamente, essas práticas, não continham o rigor acadêmico que foi construído com o tempo e que hoje já é mais bem sedimentado - não obstante as controvérsias que ainda permeiam o campo.

Relatos de viajantes, aventureiros e curiosos não são considerados como provas irrefutáveis das mais variadas culturas, mas sua leitura e conhecimento são interessantes. Um relato bastante famoso é o do viajante Hans Staden[12], alemão que veio duas vezes ao Brasil e foi capturado por índios Tupinambá em uma das suas estadias. O homem detalhes sobre a captura, o cativeiro, as roupas, costumes, enfim, sobre a cultura dos Tupinambá que pôde presenciar. A veracidade de todas as informações é outra questão, mas com certeza vale a pena conferir o que foi escrito.

[12]STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974

O campo da antropologia possui várias vertentes, assim como outras ciências. Diferentes e inúmeros são os temas que podem ser abarcados por ela. Sistemas de parentesco, línguística, sexo, vida em sociedade, relações de trabalho, rituais, religiões, sexualidade, gênero, arqueologia, entre muitos outros. O cerne do problema que eu enxergo em todos esses mais diversos temas é resumido em uma palavra: a tolerância. Eu vejo e percebo, cada vez mais, que precisamos conhecer para aceitar os outros. Não se trata aqui de não respeitar até que se tenha conhecimento das diferentes formas de viver. O argumento aqui reside no fato de que ao abrir-se para novas maneiras de se pensar, você entende o outro, mesmo que não concorde com sua posição.

Dito tudo isso, é necessário pontuar que nem todos os que se propõem a estudar antropologia não são racistas. Pelo contrário, há quem seja. O legado dos evolucionistas culturais permanece até hoje e há quem seja adepto até mesmo de ideias eugenistas. O eugenismo foi uma espécie de movimento, criado por Francis Galton, primo de Darwin, onde ao reconhecer a superioridade de raças em detrimento de outras - estando a branca no topo - pregava-se a eliminação, esterilização das raças outras. Brutal, cruel e desumano. Esse tipo de comportamento pode ser resultado direto do racismo.

E o racismo, o que é no fim das contas? O racismo é a crença de que o ser humano possui diferentes raças - negra, amarela, indígena, branca - e que, existe uma hierarquia racial, alinhando-se ao pensamento etnocentrista e evolucionista cultural. De maneira hegemônica, no cume estava o homem branco europeu. A partir do século XX, com a ascensão dos Estados Unidos da América durante e após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os homens brancos estadunidenses passaram a dividir este posto também. “O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo.” (RIBEIRO, 2019, p. 7)

“Preconceito é marca abrangente e significa fazer da diferença (seja ela racial, de gênero, de região, de classe) algo mais do que efetivamente é. Em outras palavras, implica valorizar negativamente certos marcadores sociais de diferença e incluir neles uma análise moral.” (SCHWARCZ, 2012, p. 32)

2.2.2 Afinal, o que faz do Brazil, Brasil?[13]

A antropologia pautada em teorias racistas chegou bombando no Brasil do século XIX. E não foi embora até hoje. Há quem negue o racismo. "Essa coisa do racismo, no Brasil, é coisa rara. O tempo todo jogar negro contra branco, homo contra hétero, desculpa a linguagem, mas já encheu o saco esse assunto."[14] É a velha história: "todos são iguais, mas alguns são mais iguais que outros."[15] Não adianta tentar negar. Não é invisível e, na verdade, parece-me que está cada vez mais visível. O Brasil é, historicamente, e continua sendo, um país extremamente racista.

> No entanto, tais teorias não foram apenas introduzidas e traduzidas no país; aqui ocorreu uma releitura particular: ao mesmo tempo que se absorveu a ideia de que as raças significavam realidades essenciais, negou-se a noção de que a mestiçagem levava sempre à degeneração, conforme previa o modelo original. Fazendo-se um casamento entre modelos evolucionistas (que acreditavam que a humanidade passava por etapas diferentes de desenvolvimento) e darwinismo social (que negava qualquer futuro na miscigenação racial) — arranjo esse que, em outros contextos, acabaria em separação litigiosa —, **no Brasil as teorias ajudaram a explicar a desigualdade como inferioridade, mas também apostaram em uma miscigenação positiva, contanto que o resultado fosse cada vez mais branco** [46] (SCHWARCZ, 2012, p. 16, grifo meu).

O eugenismo, citado há pouco, teve vez aqui no nosso território. Esterilização forçada de gente desconsiderada brasileira, já foi política nacional. As teorias que afirmavam a degeneração causada pela mistura de raças foi importada para cá. Mas como usar uma teoria dessas num lugar que, como sabemos, a miscigenação é uma das principais características? Simples, reciclando-a. Ou seja, criando uma nova hierarquia baseada nas diferentes raças existentes no país.

---

[13] A frase, ao brincar com as palavras, utilizando a maneira como Brasil é escrito na língua inglesa com a letra z, faz um contraponto inicial das diferenças entre o Brasil internacional (visto de fora pelos estrangeiros) e o nacional (a realidade). A frase foi retirada do seguinte trecho do livro *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*, de Lilia Schwarcz (2012, p. 13): Nem bem colonos, nem bem colonizados; nem portugueses, nem escravos. Desde os primeiros momentos de país independente, uma questão pareceu acompanhar os debates locais: "Afinal, o que faz do Brazil, Brasil?". A partir de então, muitos daqueles que se propuseram a definir uma "especificidade nacional" selecionaram a "conformação racial" encontrada no país, destacando a particularidade da miscigenação, para o bem ou para o mal. Como vimos, ora como elemento alentador, ora comosinal de infortúnio.

[14] Frase proferida pelo atual presidente da república, Jair Bolsonaro, no dia 07 de maio de 2019 no programa televisivo Luciana by Night. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/05/08/interna_internacional,1052188/bolsonaro-afirma-que-racismo-e-algo-raro-no-brasil.shtml>. Acesso em 30 de novembro de 2020.

[15] Frase adaptada do romance *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, de 1945, que diz: "Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros".

> Esses programas [de esterilização compulsória] eram capitaneados por entidades que, segundo diversos depoimentos, seguiam orientações que constam no chamado Relatório Kissinger, documento norte-americano classificado como sigiloso, mas que pesquisadores tiveram acesso nos anos 90. Era o Memorando de Estudo de Segurança Nacional 200, que tratava do crescimento da população mundial e a segurança dos Estados Unidos. Ganhou o nome de Henry Kissinger porque foi concluído em dezembro de 1974, sob sua direção. O Relatório Kissinger foi adotado como política oficial pelo presidente Gerald Ford em 1975 e defendia que o crescimento populacional dos países menos desenvolvidos era uma ameaça para a segurança nacional americana, pois geraria riscos de distúrbios civis e instabilidade política. Para conter o avanço demográfico, o relatório defendia a promoção da contracepção. Treze países estavam na mira desta política: Índia, Bangladesh, Paquistão, Indonésia, Tailândia, Filipinas, Turquia, Nigéria, Egito, Etiópia, México, Colômbia e Brasil. Assim, a vontade histórica da elite brasileira ganhou um aliado de peso e com dólares no bolso. (THE INTERCEPT BRASIL, 2018, on-line)

O Brasil foi um dos últimos países escravocratas a abolir este regime repugnante. Não é uma coincidência. Nem foi um ato de bondade da aclamada Princesa Isabel, como alguns insistem em dizer. Foi um movimento político, forçado e, sobretudo, visando a economia. "A partir do século 19, a Inglaterra mudou de lado e passou a defender (e exigir) o fim do tráfico de escravos no mundo. Foi por pressão inglesa que o Brasil aboliu o tráfico de escravos." (BBC NEWS BRASIL, 2018, on-line)

> Portanto o processo de abolição brasileiro carregava consigo algumas singularidades. Em primeiro lugar, **a crença enraizada de que o futuro levaria a uma nação branca.** Em segundo, o alívio decorrente de uma libertação que se fez sem lutas nem conflitos e sobretudo evitou distinções legais baseadas na raça. Ao contrário da imagem dominante em outros países, onde o final da escravidão foi entendido como o resultado de um longo processo de lutas internas, **no Brasil a Abolição foi tida formalmente como uma dádiva — no sentido de que teria sido um "presente" da monarquia, e não uma conquista popular.**[48] Mas a mão de obra escrava e a presença africana no Brasil não podem ser entendidas apenas como respostas passivas diante de um ambiente adverso. Na verdade, eles inventaram suas condições de vida e de sobrevivência no regime escravista de duas maneiras principais: pela negociação e pelo conflito. Por meio da negociação, do blefe, da barganha e dos arranjos cotidianos, os escravizados forcejavam os limites da escravidão em negociações sem fim, às vezes bem, às vezes malsucedidas. As formas de negociação incluíam tanto demandas por terra e melhores condições de trabalho como a defesa de uma vida espiritual lúdica e autônoma — o direito de tocar, cantar e brincar sem necessidade do consentimento do feitor, ou homenagear seus deuses na prática do candomblé sem a intromissão da polícia. Por vezes era preciso um pouco de dissuasão: quando o Estado proibia o culto de orixás negros, recorria-se aos santos cristãos, numa relação de correspondência que vigora até hoje no país. Mas, quando a negociação falhava, seja por intransigência do senhor ou impaciência do escravizado, abriam-se os caminhos para o conflito: fugas individuais e coletivas, formação de quilombos e, é claro, levantes e revoltas escravas. (SCHWARCZ, 2012, p. 16, grifo meu)

A partir da década de 1930, pode-se dizer que a maneira de se pensar numa população misturada assemelha-se com o que temos hoje, “o mestiço transformou-se definitivamente em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé, na comida e no futebol.” (SCHWARCZ, 2012, p. 13) Isso da porta de casa para fora, claro.

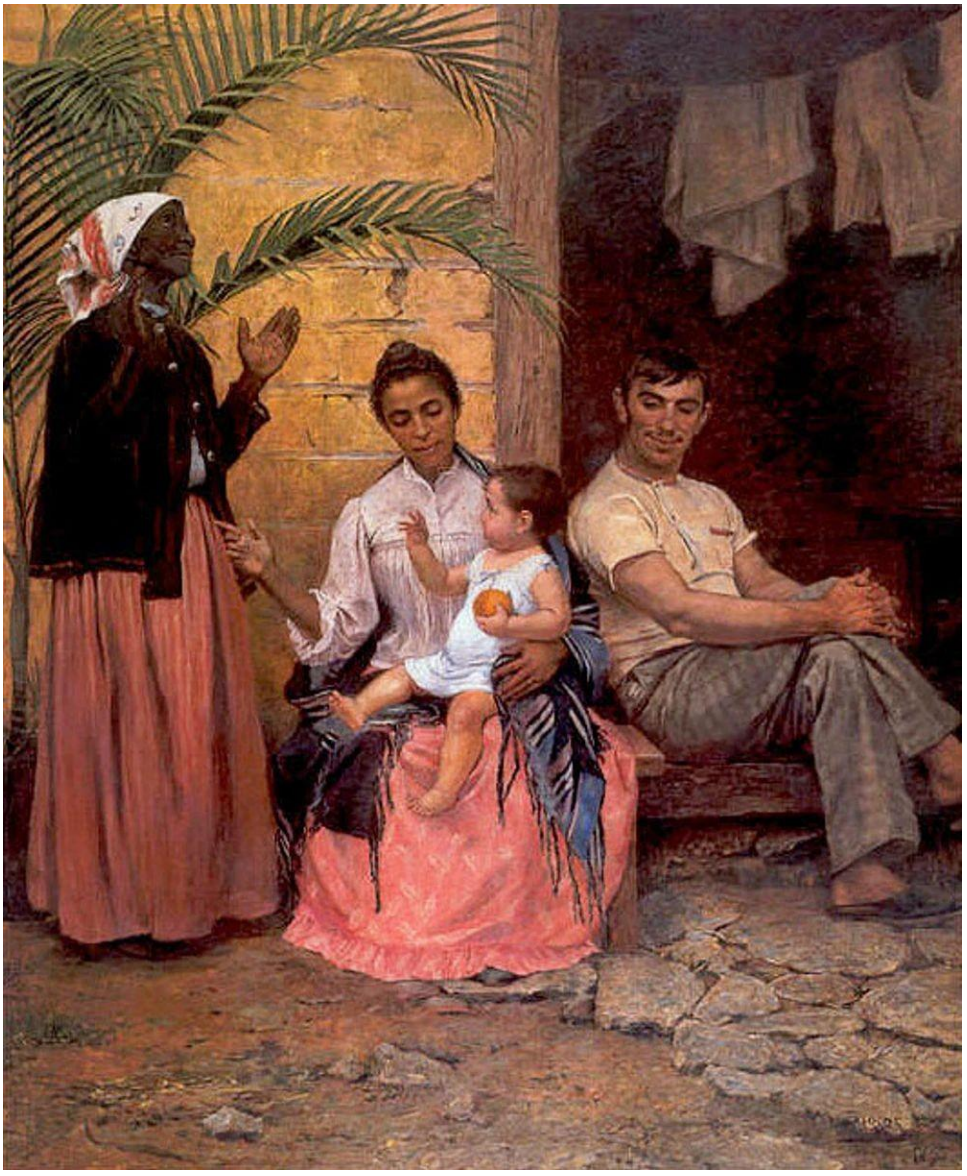
A cordialidade é uma espécie de rito nacional, uma prática de oposição das distâncias nacionais - como se a unidade do território brasileiro existisse de maneira petrificada - mas mantendo-as. Apresenta-se, portanto, como um ritual de tolerância, mas é de intolerância. (SCHWARCZ, 2020, on-line)

> Redenção verbal que não se concretiza no cotidiano: a valorização do nacional é acima de tudo uma retórica que não encontra contrapartida fácil na valorização das populações mestiças e negras, que continuam a ser, como veremos, discriminadas nas esferas da justiça, do direito, do trabalho e até do lazer. Nesses termos, entre o veneno e a solução, de descoberta a detração e depois exaltação, tal forma extremada e pretensamente harmoniosa de convivência entre os grupos foi, aos poucos, sendo gestada como um verdadeiro mito de Estado, em especial a partir dos anos 1930, quando a propalada ideia de uma “democracia racial”, formulada de modo exemplar na obra de Gilberto Freyre, foi exaltada de maneira a menosprezar as diferenças diante de um cruzamento racial singular. (SCHWARCZ, 2012, p. 13)

Antes da libertação dos escravizados, mas já sabendo deste fim, a monarquia brasileira deu início a programas de incentivo à imigração aspirando a entrada de gente branca, ou no mínimo, menos preta. A ideia era tirar proveito da miscigenação para que as próximas gerações fossem cada vez mais embranquecidas até encontrar o tom desejado, puro. (SCHWARCZ, 2012)

À vista disso tudo, como tem gente que ainda tem coragem de mentir descaradamente que no Brasil não existe racismo? Abaixo, deixo a imagem de um quadro que ilustra bem os desejos sombrios dos embranquecimento da nossa população, desejos esses que não ficaram restritos aos nossos antepassados.

Figura 6: BROCOS, Modesto. A Redenção de Cam 1895.



Fonte: The Intercept Brasil. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/07/18/laqueaduras-esterilizacao-forcada-mulheres/>. Acesso em: 30 de novembro de 2020.

2.3 Quem vive de passado é museu?

Há quem pense que uma escultura é mais importante que gente. Parece absurdo, mas eu presenciei. Este ano está se mostrando repleto de surpresas e uma delas foi a derrubada de estátuas de agentes opressores da história. Tem quem se incomodou. Tem quem acredite que foi vandalismo. Tem quem pense que as pessoas que praticaram tal ato são vagabundos, criminosos.

Há momentos que eu entendo essas pessoas. É difícil sair da sua bolha social e realmente provar da empatia. Mas depois, eu me sinto extremamente decepcionada alheiamente. Qual a dificuldade de aceitar que coisas que não nos afetam negativamente possam ofender os outros? Eu, particularmente, parto do princípio que se alguém não gostou de algo, paramos por aí. Se uma estátua, um amontoado de material inanimado, é defendida com unhas e dentes contra pessoas que se sentem pessoalmente atacadas por seu significado, imagine quando se trata de pessoas contra pessoas?

A valorização patrimonial não deve ser tida deliberadamente. É importante que se entenda as origens, a história e os significados do que temos, conservamos, restauramos e apreciamos. O patrimônio pode - e no caso do Brasil é - excludente.

> Portanto, é a herança cultural acumulada ao longo do tempo pelos homens, agentes das realizações e história de uma sociedade, que denominamos de patrimônio cultural. O produto da construção coletiva de uma sociedade é o que faz a diferença entre elas, distinguindo-as de outras, criando daí o verdadeiro sentido de identidade que vem a pertencer a todos os cidadãos. Neste sentido, tudo que é produto da ação consciente e criativa dos homens sobre o meio em que vive é patrimônio cultural. (IPHAN, 2012, p. 5)

E como o patrimônio segrega as pessoas? Valorizando determinadas histórias em detrimento de outras. É o etnocentrismo aplicado às histórias e criações humanas. É na necessidade de conscientização de que todas as culturas e memórias importam que entra o papel fundamental da educação patrimonial. As pessoas necessitam saber que têm espaço, voz e que suas narrativas são relevantes. “Importante frisar que as definições de Patrimônio histórico cultural não se encontram fechadas e determinadas. Pelo contrário, o patrimônio deve ser visto como um processo que vem abarcando mais características e alongando-se ao longo dos anos.” (GIRARDI, 2020, on-line)

> A Educação Patrimonial apresenta-se como suporte de conhecimento a promover no indivíduo a noção de cidadania, desenvolvendo, assim, de modo coletivo, o sentido de pertencimento e apoderamento, elementos basilares para sensibilização da sociedade e geradores do orgulho e da auto-estima, que fazem elevar o senso de preservação do patrimônio cultural. (IPHAN, 2012, p. 5)

Os profissionais da área da cultura têm a missão de serem mediadores nessa empreitada das pessoas com seus patrimônios. Não se trata de ensinar de maneira restritiva o que é patrimônio e quais são seus exemplares, afinal, “o conceito de patrimônio é socialmente

construído". (GIRARDI, 2020, on-line) Ao realizar o curso, on-line e gratuito, de Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio, da Fundação Demócrito Rocha, tive noção da seriedade com que se deve levar estas ações educativas. Ensina-se a enxergar os patrimônios, a pertencer-se neles, a senti-los, a tê-los, reconhecê-los. Durante este processo, o mediador ensina e aprende juntamente com os diferentes grupos.

> De forma simples e objetiva, pode-se dizer que trabalhar o conceito de patrimônio é reconhecer, dentre outras coisas, que para avançar no entendimento não precisamos ir longe. Ao contrário, o que precisamos pode estar bem pertinho de nós, bastando apenas que dediquemos um olhar sensível ao nosso redor e ao que de fato atribuímos valor e, do mesmo modo, o que nos valoriza e dá sentido à nossa vida. É um olhar para dentro: primeiro para dentro de nós, depois para dentro de casa, do jardim, do quintal, do bairro, da cidade, e, finalmente, da região e do país. (IPHAN, 2013 apud GIRARDI, 2020)

Assim, a mediação pode ser entendida como um processo de desenvolvimento e de aprendizagem humana, como incorporação da cultura, como domínio de modos culturais de agir e pensar, de se relacionar com outros e consigo mesmo (IPHAN, 2014, p. 22).

Quem decide o que é patrimônio, o que importa, e o que deve ser preservado? A resposta mais comum aponta para o governo e grupos dominantes socialmente (de maior influência e poder); a mais correta deveria ser todos, pois, ainda mais num país como o Brasil, construído por diferentes agentes culturais, é mais provável que comunidades sejam marginalizadas se apenas uma delas possuir o controle.

> Esse quadro acaba por originar um desequilíbrio de representatividade em termos da origem étnica, social e cultural, o que provoca, por sua vez, uma crise de legitimidade e uma baixa identificação da população, em alguns casos, com o conjunto do que é reconhecido oficialmente como Patrimônio Cultural nacional. Nesse sentido, é fundamental conceber as práticas educativas em sua dimensão política, a partir da percepção de que **tanto a memória como o esquecimento são produtos sociais.** (IPHAN, 2014, p. 23, grifo meu)

O Estado, através de seus mecanismos, como leis e órgãos reguladores, detém como dever a salvaguarda dos mais diversos patrimônios, sejam eles imateriais e materiais.[16] Isso

[16] Historicamente, e não diferente no Brasil, a ideia de patrimônio se restringiu a bens materiais, principalmente os chamados imóveis - bens arquitetônicos e seus conjuntos. Porém, além desse patrimônio material se dividir em imóvel e móvel, existe o patrimônio imaterial, o qual, de acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), "diz respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; enos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).". Ou seja, nosso

não significa que a população não possa “ajudar” no reconhecimento de memórias até então negligenciadas.

2.4 Três “raças”[17]: o vírus, a antropologia e o patrimônio

2.4.1 O mito

Na pergunta: O Brasil é um país racista? A questão não é “se”, e sim “desde quando”. Inventou-se uma lenda, a partir da valorização superficial do homem brasileiro miscigenado, de que nosso território é ausente de racismo. É muito fácil perceber que isso é uma mentira deslavada. Além de entrevermos esta realidade praticamente de olhos fechados, ao notarmos a falta de pessoas não brancas (pretos e pardos) em muitos lugares - o que por si só é um grande absurdo, tendo em vista que a maioria da população (55,8%) é declaradamente preta e parda - [18] , principalmente os tomados como pertencentes e frequentados por elites, os dados não mentem.

A população preta e parda são as que mais morrem em comparação com os brancos. Durante a pandemia, foi constatado que pretos morrem mais que brancos. Os indígenas sofrem nas nossas mãos há, no mínimo, uns 500 anos. Nunca vou esquecer a frase de Ailton Krenak no primeiro episódio do documentário Guerras do Brasil (2019), quando ele diz para o câmera “Estamos em guerra. Por quê você está me olhando com essa cara simpática?” Ao acompanhar perfis nas redes sociais como Visibilidade Indígena e Mídia Índia Oficial, ficamos a par do desespero que toma conta destes povos, tão vulneráveis devido ao seu isolamento e, mais ainda, devido ao descaso do poder público que os deveria proteger, mas os deixam ao desalento.

> Homens negros são os que mais morrem pela covid-19 no país: são 250 óbitos pela doença a cada 100 mil habitantes. Entre os brancos, são 157 mortes a cada 100 mil. Os dados são do levantamento da ONG Instituto Polis, que analisou casos da cidade de São Paulo entre 01 de março e 31 de julho. Entre as mulheres, as que têm a pele preta também morreram mais: foram a 140 mortes por 100 mil habitantes, contra 85 por 100 mil entre as brancas. Outro levantamento, desta vez pelo IBGE, mostrou que mulheres, negros e pobres são os mais afetados pela doença. A cada dez pessoas que relatam mais de um sintoma da covid-19, sete são pretas ou pardas.

---

patrimônio é composto de bens culturais de natureza tangível - os quais podemos tocar fisicamente, e de bens culturais de natureza intangível - os quais podemos tocar espiritualmente.

[17] O nome deste subtítulo e outras partes deste bloco foram inspiradas na canção de Clara Nunes, Canto das Três Raças.

[18] Dados de 2018 retirados da notícia disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/05/22/ibge-em-todas-as-regioes-mais-brasileiros-se-declaram-pretos.htm>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

> **Esse padrão se explica por desigualdades sociais e pelo preconceito.** (PECHIM, 2020, on-line)

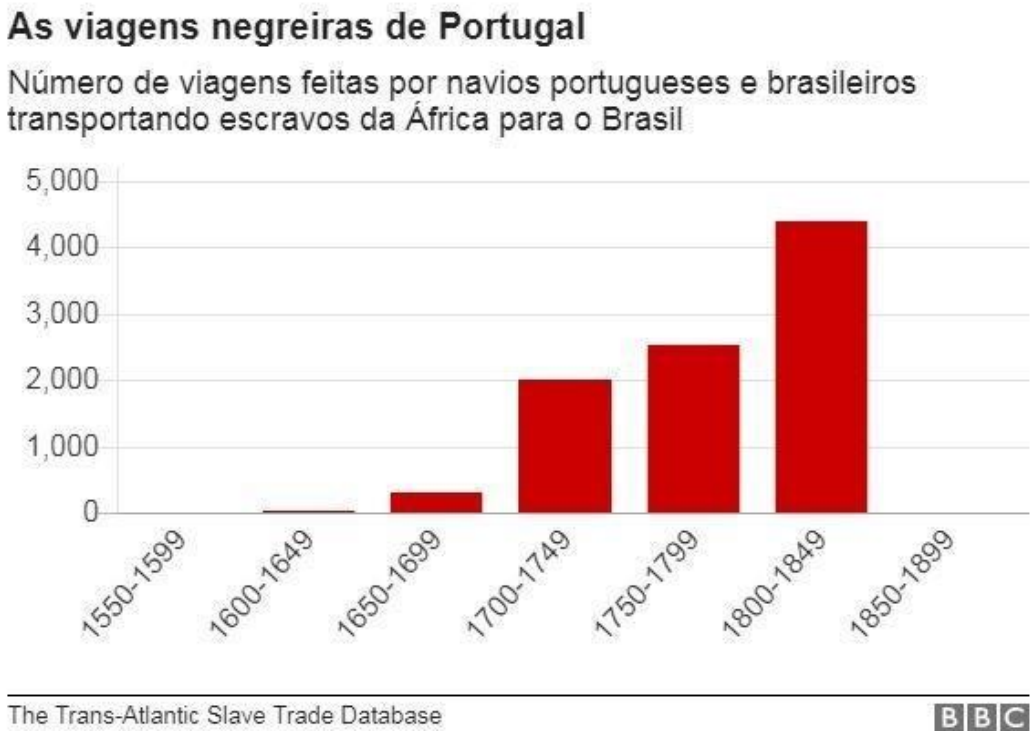
Figura 7: Postagens sobre o coronavírus e invasão de terras indígenas no perfil Mídia Índia Oficial.

Fonte: Perfil Mídia Índia Oficial no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/midiaindiaoficial/>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

A perpetuação de teorias racistas pelos estudos antropológicos iniciais, a admissão do sistema escravocrata e a aceitação parcial das opiniões acerca da mistura de raças fez com que o Brasil cultivasse um legado que ainda hoje colhemos seus sórdidos frutos. Para se ter noção, aqui foi o destino do maior número de africanos escravizados, "independentemente de quem foram os culpados pela escravidão, não há dúvidas de que os 4,9 milhões de africanos

trazidos como escravos para o Brasil são as vítimas. Nenhum outro lugar do mundo recebeu tantos escravos. Em comparação, nos Estados Unidos, foram 389 mil." (BBC NEWS BRASIL, 2018, on-line)

Figura 8: Viagens portuguesas para captura de escravizados africanos.



Fonte: BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235#:~:text=4%2C8%20milh%C3%B5es%20de%20africanos,de%20mais%20de%20tr%C3%AAs%20s%C3%A9culos.>. Acesso em: 21 de novembro de 2020.

2.4.2 O canto

O senso comum sabe que é parte da cultura brasileira desvalorizar a cultura brasileira. A não ser que essa cultura lembre ou seja vinculada à lusitana, aí vale a preocupação. Essas ideias pessimistas (eu diria realistas, dependendo do ponto de vista) não surgiram à toa.

O abandono do patrimônio brasileiro é evidente. O incêndio de museus (Museu da Língua Portuguesa, Museu Nacional, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, entre muitos outros), crimes ambientais (quebra de barragens como a de Mariana e Brumadinho, ambas em Minas Gerais, incêndios em florestas) e crimes contra seres humanos (invasão e assassinato em terras indíginas) são amostras do que quero mostrar.

A falta de seriedade que é atribuída à área da cultura é outro grave problema. Dela resultam problemas como, por exemplo, a extinção de órgãos, caso do ministério da Cultura em 2019 e a nomeação de gente desqualificada para cargos de grande importância, caso da blogueira turismóloga (citada na nota de rodapé 11) indicada para a gerência de uma das unidades de uma das instituições mais importantes de cultura, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico.

Realmente fica difícil se sentir parte de um todo que não te representa. O apagamento de histórias diferentes daquela considerada oficial por parte de um sistema dominante, que geralmente conta com subsídios governamentais, agrava a marginalização de grupos desconsiderados como digno de possuir suas próprias narrativas, histórias e memórias.

O ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, proferiu as seguintes palavras durante a polêmica reunião ministerial do dia 22 de abril deste ano: "Ele tá querendo transformar a gente numa colônia. Esse país não é... odeio o termo 'povos indígenas', odeio esse termo. Odeio. O 'povo cigano'. Só tem um povo nesse país. Quer, quer. Não quer, sai de ré."[19] Quem é esse "um povo" do Brasil? Como é possível que só haja um único povo num território tão imenso? A resposta é simples: não há. O Brasil é composto de variados povos, muitos que já foram extintos, inclusive. Concomitantemente, na mesma reunião, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, disse:

> Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse **momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas**. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada a simplificação, é de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos. (Reunião Ministerial, 2020, grifo meu)[20]

Como valorizar nossa história - todas elas, sem preferências e desamparos - se o próprio governo, que deveria ter papel central no asseguramento da proteção de todos, luta contra nós? Como continuar se está havendo, de acordo com Krenak (2020), "uma erosão entre o relacionamento das instituições e das pessoas"?

---

[19]Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/22/weintraub-odeio-o-termo-povos-indigenas-quer-quer-nao-quer-sai-de-re.htm>. Acesso em: 15 de julho de 2020.

[20]Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 15 de julho de 2020.

2.4.3 Je suis un virus?[21]

Assim como existe racismo, etnocentrismo, machismo, capacitismo, lgbtfobia, entre outros, também existe a xenofobia. A xenofobia é a antipatia, a aversão a pessoas estrangeiras. Aqui no Brasil, ela se aplica até mesmo para outros brasileiros que, às vezes, não são considerados dignos de relevância social, como os nordestinos para alguns moradores da região sul e sudeste do país.

Algumas nacionalidades são preferidas em relação a outras. Isso é notório quando ouvimos críticas negativas sobre a entrada de certos estrangeiros, tais quais colombianos, chineses, venezuelanos etc, e críticas positivas sobre a vinda de outros, como japoneses, alemães e italianos.

Durante a expansão do coronavírus, os chineses foram o maior alvo de ataques xenofóbicos. Muitas teorias conspiratórias surgiram contra eles, sempre os acusando da criação proposital do vírus, visando a dominação mundial. Há quem chame o corona de "vírus chinês". Há quem trate violentamente pessoas só por serem chinesas, ou que separeçam com (como gente que possui traços orientais). Uma população inteira não pode ser culpada pelos atos de alguns. É sem sentido e injusto.

Frequentemente, a xenofobia atrela-se a outras formas de discriminação, como o racismo, criando um combo de preconceito com grande potencial destrutivo. A colonização do Brasil pela coroa portuguesa contou com esses atos abomináveis, culminando em um dos maiores genocídios[22] da história. Os portugueses chegaram no território brasileiro, conheceram a gente que vivia aqui, e os repudiaram, por seus aspectos físicos, sociais e culturais. Vistos como inferiores, os índios (assim chamados pelos próprios europeus que pensavam ter chegado nas Índias) foram usados, enganados, escravizados e destruídos. Hoje, ainda há resquícios desse pensamento, totalmente visíveis na maneira desrespeitosa como os indígenas são tratados por muitos, em uma dicotomia eterna, entre "eles e nós", sendo eles considerados os outros, os estrangeiros da própria terra. Lembremos a frase do atual presidente, perfeita para ilustrar meu ponto de vista: "O índio mudou, tá evol... Cada vez

[21] Tradução: Eu sou um vírus? Alusão à hashtag intitulada "Je ne suis pas un virus" (Eu não sou um vírus) que ganhou repercussão na França após a ocorrência de atos de xenofobia.

[22] O genocídio é definido como o "extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso". (Oxford Languages Google)

mais, o índio é um ser humano igual a nós. Então, vamos fazer com que o índio se integre à sociedade e seja realmente dono da sua terra indígena, isso é o que a gente quer aqui."[23]

Apoiados na xenofobia alguns dos mais vergonhosos episódios da humanidade tomaram forma, quando não tendo culpa em atos de violência ativa, pelo menos subsidiou a perversidade dos facínoras e a condescendência da população em geral, que foi sendo conduzida rumo ao abismo. Volta e meia o ímpeto violento contra o estrangeiro reacende. É necessário ter alguém para culpar!

[23]Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 29 de novembro de 2020.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não sei como finalizar este trabalho. Talvez porque ele está longe de estar terminado. Tenho em mente que ao longo da minha graduação de antropologia serei capaz de desenvolver muito mais as ideias e ideais que tentei aludir neste curto espaço.

O relacionamento entre estes três temas é de extrema dificuldade, pois permeia muitos campos, e como disse Krenak (2020, on-line), a pandemia do covid-19 trata-se de uma "crise sanitária, política, ética, ecológica, de paradigmas". Está além das minhas capacidades discorrer e até mesmo tentar abranger tudo isso. Foi um desafio pessoal.

Uma frase ecoou na minha mente durante grande parte da realização deste texto. Não consegui encaixá-la em nenhum lugar, portanto, colocarei em seguida para que todos possam refletir a partir de sua leitura: "pra ser brasileiro você tem que renunciar a si mesmo", disse Ailton Krenak durante a aula magna do semestre suplementar da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esta frase me entristece e creio que deveria entristecer a todos que a lerem.

Como pode alguém não poder ser quem é? Ou ser rechaçado exatamente por ser?

Termino este texto em um tom que pode parecer pessimista, mas me alegro em saber que consegui produzi-lo e expor minhas opiniões pessoais. Espero que as pessoas continuem falando sobre as desigualdades e preconceitos ainda tão persistentes neste nosso velho novo mundo. Desejo imensamente que meus pensamentos e das autoras e autores que trouxe aqui tenham sido úteis para quem quer que seja.

Gostaria de recordar alguma frase de efeito bacana, mas como não sei nenhuma de cabeça, deixo o significado da palavra empatia: "Ação de se colocar no lugar de outra pessoa, buscando agir ou pensar da forma como ela pensaria ou agiria nas mesmas circunstâncias; aptidão para se identificar com o outro, sentindo o que ele sente, desejando o que ele deseja, aprendendo da maneira como ele aprende etc." (DICIO, Dicionário Online de Português)[24]

[24] Disponível em: <https://www.dicio.com.br/empatia/>. Acesso em 30 de novembro de 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única.** TedGlobal 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-1110076>. Acesso em: 21 de julho de 2020. 18:34

ANCINE. **Guerras do Brasil.** Episódio 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VeMlSgnVDZ4>. Acesso em: 12 de setembro de 2020.

BBC News Brasil. **Cronologia: de pneumonia misteriosa a mais de 150 mil mortes por covid-19.** Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/5NJaUIHtwOo>. Acesso em: 7 de agosto de 2020. 28:31

BBC News Brasil. **Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235#:~:text=4%2C8%20milh%C3%B5es%20de%20africanos,de%20mais%20de%20tr%C3%AAs%20s%C3%A9culos.>. Acesso em: 21 de novembro de 2020.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim et al. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos, processos.** Iphan, 2014.

GIRARDI, Jussara Prates dos Santos; **A Educação Patrimonial no contexto das Aprendizagens Essenciais da BNCC.** Disponível em: <https://www.sinapsecultural.com.br/post/a-educa%C3%A7%C3%A3o-patrimonial-no-contexto-das-aprendizagens-essenciais-da-bncc?fbclid=IwAR1pNYziqRcWl_kz6bd_F8Mj-0VI6wRTuvxESR_M90PukCxH47Ez2DzOHTI>. Acesso em: 5 de agosto de 2020.

ESTADO DE MINAS INTERNACIONAL. **Bolsonaro afirma que 'racismo é algo raro no Brasil'**. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/05/08/interna_internacional,1052188/bolsonaro-afirma-que-racismo-e-algo-raro-no-brasil.shtml>. Acesso em 30 de novembro de 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton; SCHWARCZ, Lilia. **Aula Magna Semestre Suplementar PPGs/UFBA.** Youtube. 2020.

LARAIA, Roque de. **Cultura: Um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 22ª edição.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História.** In: Antropologia Estrutural Dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. p. 328-366. 2ª edição.

MORGAN, Lewis Henry. **A Sociedade Antiga.** In: Evolucionismo Cultural/Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Textos selecionados, apresentação e revisão de Celso Castro, tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 21-31.

PECHIM, Lethicia. **Negros morrem mais pela covid-19. In: Faculdade de Medicina UFMG.** Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. **Cadernos do Patrimônio Cultural: Educação Patrimonial - Volume 1.** Iphan, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociedade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das. Letras, 1993.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974

THE INTERCEPT BRASIL. **'O caso Janaína me lembrou que o Brasil já fez esterilização em massa - com apoio dos EUA'**. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/07/18/laqueaduras-esterilizacao-forcada-mulheres/>. Acesso em: 30 de novembro de 2020.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Educação Patrimonial: Diálogos entre Escola, Museu e Cidade - Caderno temático 4.** Iphan, Superintendência do Estado da Paraíba, 2015.

TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira. **Educação Patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas - Caderno Temático 5.** Iphan, 2016.

UOL Notícias. **Não quero sociólogo, antropólogo e filósofo com meu dinheiro.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/constanca-rezende/2020/06/14/weintraub-nao-quero-sociologo-antropologo-e-filosofo-com-meu-dinheiro.htm>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

Este ensaio foi produzido por meio do Programa de Fomento Cultural - Bolsa de Fomento à Criação / Estudante UFMG vinculado a PRAE/ DAC Edital 005/2020.

Realização: